

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

TIAGO MARINHO DA SILVA MARTINS

**EXPRESSÕES ARTÍSTICAS E REDUÇÃO DE VULNERABILIDADES
NAS PERIFERIAS DE VITÓRIA E VILA VELHA/ES**

VITÓRIA

2020

TIAGO MARINHO DA SILVA MARTINS

**EXPRESSÕES ARTÍSTICAS E REDUÇÃO DE VULNERABILIDADES
NAS PERIFERIAS DE VITÓRIA E VILA VELHA/ES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção da Licenciatura do Curso de Educação Física.

Orientadora: Prof.^a Dra. Liana Abrão Romera
Coorientador: Prof. Dr. Gelsimar José Machado

VITÓRIA

2020

TIAGO MARINHO DA SILVA MARTINS

**EXPRESSÕES ARTÍSTICAS E REDUÇÃO DE VULNERABILIDADES NAS
PERIFERIAS DE VITÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção da Licenciatura em Educação Física.

Aprovado em de de 2020

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a4 Dra. Liana Abrão Romera
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora



Prof. Dr. Gelsimar Machado
Universidade Federal do Espírito Santo
Coorientador

Prof.^a Dra. Andreia Ramos
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof.^a Dra. Rosianny Berto
Universidade Federal do Espírito Santo

Luto

Só me resta escrever
Queria que não fosse verdade
Porque nessa realidade
Eu não quero viver
E Você acha que eu sou igual a você?
Enquanto seus pais procuravam a melhor
escola e inglês pra você fazer
Minha mãe se deitava chorando
Com dores se perguntando
Se no dia seguinte iria conseguir me dar o de
comer
Você acha que minha vida é igual a sua?
Ainda me dizem: "relaxa, a dor some"
Some sim, mas o problema continua
E ainda acha que eu sou igual a você?
Meu único privilégio é ver de camarote um
amigo morrer
(Em memória de Cleiton Rodrigues)

(MARTINS, T. M. S. 2019)

RESUMO

Este estudo teve por objetivo conhecer formas de enfrentamento de vulnerabilidades de jovens vinculados à arte de rua (com ênfase na poesia) nas comunidades periféricas de Vitória e Vila Velha - ES. Como parte fundamental da pesquisa, foram entrevistados cinco jovens de periferias das cidades citadas anteriormente. Além disso, foi trabalhado o conceito de Habilidades para a Vida (HpV), da Fundação EDEX, que leva a compreender as habilidades de vida presentes em cada um desses jovens. Embora a poesia não é isoladamente um fator protetivo contra a vulnerabilidade, ela se configura como um canal para o fortalecimento das HpV dos entrevistados. Eles nos contam o processo da poesia em suas vidas; como a vulnerabilidade foi ou não um fator que os prejudicou ao longo de suas vidas; o que os leva para um caminho diferente do uso abusivo de drogas e do tráfico e suas visões sobre direitos e vulnerabilidade social. Demonstram ser jovens socialmente habilidosos quanto as HpV. Além disso evidenciaram um grande fator de resiliência frente as vulnerabilidades, fator este que se repete na fala de todos estes jovens.

A pesquisa foi realizada em duas sessões: a primeira, em setembro de 2019, e a segunda, em setembro de 2020. Para dialogar sobre temas como exclusão, vulnerabilidade e marginalização.

Palavras-chave: Marginalização. Habilidades para vida. Vulnerabilidade social.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CRFB/88 - Constituição da República Federativa do Brasil de 1988

ES - Espírito Santo

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

HpV - Habilidades para Vida

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFES - Instituto Federal do Espírito Santo

ProUni - Programa Universidade para Todos

Pronatec - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

RAP - Rhythm and Poetry

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

SUMÁRIO

| | |
|--|----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 8 |
| 1.1. JUSTIFICATIVA..... | 8 |
| 1.2. OBJETIVO GERAL | 8 |
| 1.2.1. Objetivos Específicos..... | 8 |

| | | |
|-----------|---|-----------|
| 2. | DESIGUALDADE E FATORES DE FORTALECIMENTO..... | 9 |
| 2.1. | VULNERABILIDADE SOCIAL E MARGINALIZAÇÃO..... | 10 |
| 2.2. | HABILIDADES PARA VIDA | 13 |
| 2.3. | POETRY SLAM | 14 |
| 3. | METODOLOGIA DE PESQUISA: TÉCNICA E INSTRUMENTOS..... | 16 |
| 4. | RESULTADOS E DISCUSSÃO DE DADOS..... | 18 |
| 4.1. | APRESENTAÇÃO | 18 |
| 4.2. | SOBRE FORMAÇÃO E ENSINO SUPERIOR | 18 |
| 4.3. | SOBRE O PROCESSO DE SE TORNAR POETA/POETISA | 21 |
| 4.4. | O QUE OS LEVOU PARA POESIA E NÃO PARA O TRÁFICO | 22 |
| 4.5. | SOBRE VULNERABILIDADE SOCIAL..... | 23 |
| 4.6. | DIREITOS: | 25 |
| 4.7. | SOBRE RESILIÊNCIA | 26 |
| 4.8. | HABILIDÔMETRO..... | 27 |
| 5. | CONCLUSÃO | 30 |
| 6. | REFERÊNCIAS | 31 |

1. INTRODUÇÃO

Historicamente a vulnerabilidade social vem contribuindo para uma lógica de exclusão. Sabendo que “a exclusão é a negação da cidadania” (SPOSATI, 1999, p. 3) e que conseqüentemente as políticas públicas já existentes não estão conseguindo atender as demandas para reduzir estes impactos sociais mostra a importância de trabalhos com esta característica, pois busca evidenciar outras formas de enfrentamento às vulnerabilidades, por meio das artes que, neste trabalho, unimos às possibilidades das Habilidades para Vida (HpV).

O enfrentamento de vulnerabilidades sociais com o auxílio das artes e das HpV representam campo potencial a ser explorado pela educação formal e não formal, pois busca contribuir com novas formas de expressão e autonomia de jovens que vivem nesta situação, além de ajudar no desenvolvimento de habilidades com possibilidade de auxiliá-los em suas perspectivas futuras. Esta área tem um vasto campo de possibilidades, já que existe, na arte de rua, outros elementos de expressão que podem ser explorados frente às vulnerabilidades, expressões artísticas, resistência e luta social.

1.1. JUSTIFICATIVA

A importância pessoal deste trabalho se dá com o meu vínculo direto com o tema uma vez que moro em uma comunidade periférica na região metropolitana de Vitória, Espírito Santo (ES), região socialmente vulnerável. Mesmo sendo estudante de uma universidade pública, muitos amigos e vizinhos fizeram-me a seguinte pergunta: “quanto você paga pra estudar na UFES?”, ou por muitas vezes fui taxado como alguém diferente, sendo considerado extremamente inteligente por estudar numa “faculdade de rico”, como disse minha mãe quando ingressei no vestibular. Essas afirmações sempre me foram incômodas, pois aprendi na própria universidade que aquele ambiente é público e democrático, porém a falta desse entendimento por parte de meus colegas de bairro impulsionou-me a procurar formas para que outros jovens busquem caminhos novos e possíveis, enfrentando os prejuízos sociais por eles vividos.

1.2. OBJETIVO GERAL

Este estudo teve por objetivo conhecer formas de enfrentamento de vulnerabilidades de jovens vinculados à arte de rua nas comunidades periféricas de Vitória e Vila Velha - ES.

1.2.1. Objetivos Específicos

- Compreender como esses jovens enxergam temas como formação e ensino superior, vulnerabilidade social e direitos;
- Conhecer as Habilidades para Vida presentes na vida desses jovens;
- Compreender como enxergam sua relação com a poesia;
- Verificar se a poesia ou *slam* representa fator protetivo contra as vulnerabilidades.

Todas aquelas afirmações incômodas, o meu entendimento sobre o ambiente universitário, os conhecimentos adquiridos ao longo da minha formação e o processo de pesquisa culminaram neste trabalho que apresenta a seguinte estrutura: no capítulo *Desigualdade e Fatores de Fortalecimento* trataremos de desigualdades sociais e seus fatores de fortalecimento, trazendo conceitos de marginalização e vulnerabilidade social, a partir de autores como Calais e Goulart (2017), Carmo e Guizardi (2018), Souza, Soares e Freitas (2019) e Rodrigues et al. (1999)

No capítulo *Metodologia de Pesquisa: Técnica e Instrumentos* apresentaremos o percurso realizado que balizaram este trabalho por meio de entrevista e roda de conversa.

Em *Resultados e Discussão de Dados* seccionamos o capítulo em oito subtítulos, a fim de analisar a conversa e discorrer sobre os dados encontrados a partir da aplicação do Habilidadômetro aos cinco participantes.

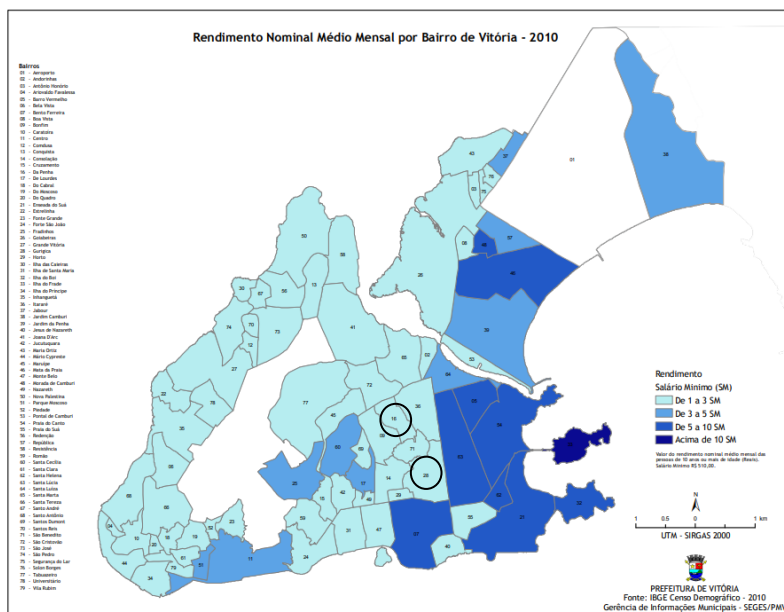
Nas Considerações Finais, constam as principais reflexões a partir da pesquisa, entre elas, a compreensão de que, embora a poesia não é isoladamente um fator protetivo contra a vulnerabilidade, ela se configura como um canal para o fortalecimento das HpV dos entrevistados.

2. DESIGUALDADE E FATORES DE FORTALECIMENTO

O Brasil é um país marcado pela diferença de classes que contribui de maneira direta para o fortalecimento das desigualdades e, conseqüentemente, situações de vulnerabilidade social de algumas parcelas da população. As desigualdades sociais, que aumentam de forma abismal, dificultam as condições de vida de uma parcela da sociedade. Tais dificuldades não são geradas somente por questões econômicas, mas também pelas condições de acesso à educação, cultura, inserção profissional e outros fatores. São dificuldades acirradas para uma parcela da população que contribuem para o aumento das injustiças sociais.

Interessa-nos aqui tratar da vulnerabilidade juvenil, especialmente nos bairros Da Penha e Consolação, localizados na cidade de Vitória, e na região marginal de Interlagos, localizado na cidade de Vila Velha. O mapa do censo, a seguir, mostra uma visão detalhada das condições econômicas da cidade de Vitória. Os bairros pesquisados, destacados no mapa, são evidenciados com renda de 1 a 3 salários mínimos.

Mapa 1 – Rendimento Nominal Médio Mensal por Bairro de Vitória (2010)



Fonte: Prefeitura Municipal de Vitória – Vitória em Dados (2010)

2.1.VULNERABILIDADE SOCIAL E MARGINALIZAÇÃO

A vulnerabilidade social pode ser considerada como uma condição de fragilidade material e/ou moral de indivíduos ou grupos dentro de um determinado contexto econômico-social. Souza, Soares e Freitas (2019, p. 138-139) entende: “[...] a vulnerabilidade social como situação de desvantagem dos atores sociais pela falta de acesso a recursos e oportunidades econômicas, sociais e culturais e/ou pela escassez de recursos materiais ou simbólicos”. Essa

condição de vulnerabilidade pode dificultar em várias áreas a vida de muitos jovens que vivem nessa situação.

Pensando na etimologia da palavra, vemos que o termo vulnerabilidade procede do latim, *vulnerare*, que significa ferir, lesar, prejudicar, e *bilis*, que significa suscetível (CARMO; GUIZARDI, 2018, p. 5). Entende-se assim que o ser humano vulnerável é aquele que não necessariamente sofrerá algum dano social ao longo de sua vida, mas estará mais suscetível por possuir desvantagens em relação à sua mobilidade social (CARMO; GUIZARDI, 2018, p. 6). As pessoas em condição de vulnerabilidade estão "suscetíveis a prejuízos", que podem ser culturais, educacionais, econômicos, entre outros.

A condição de vulnerabilidade de uma parcela da sociedade e, em especial de uma parcela da juventude, não representa um problema social exclusivamente brasileiro. Diferentes países, especificamente da América Latina, percebem as dificuldades colocadas a determinadas parcelas da juventude, especialmente aquelas geograficamente localizadas nas periferias urbanas, com baixos níveis socioeconômicos e educacionais. Estudos como os de Abramovay *et al.* (2002, p. 13), sinalizam que:

[...] a violência sofrida e praticada pelos jovens possui fortes vínculos com a condição de vulnerabilidade social em que se encontram nos países latino-americanos. A vulnerabilidade social é tratada aqui como o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade.

Dentre os fatores que contribuem para essa relação negativa entre as pessoas em situação de vulnerabilidade e os recursos que provêm do Estado se deve ao fato de tais recursos e informações não serem acessíveis a essas pessoas ou não chegarem a elas de forma efetiva, mantendo assim outra lógica, a da marginalização dessa parcela da sociedade. Calais e Goulart (2017, p. 64) dizem que:

[...] a realidade dos jovens que vivem nas periferias e que, de alguma forma, sofrem os efeitos do processo de marginalização social, assinalam-se algumas circunstâncias que constituem situações de vulnerabilidade, entre elas: a violência, o uso de álcool e outras drogas, o desemprego, a baixa escolaridade, a dificuldade de acesso aos serviços, entre outras [...].

A vulnerabilidade social deixa uma parcela da juventude exposta a situações que podem provocar prejuízos, dificultar a mobilidade social, e o acesso a possibilidades de reversão da situação de desvantagem. Tais faltas prejudicam direta ou indiretamente nas escolhas e perspectivas para o futuro de uma parcela da população. Estas questões não podem ser ignoradas, pois é possível identificar também que o processo de marginalização social está atrelado a essa discussão e contribui para manter uma parcela da juventude em situação de

vulnerabilidade, deixando-as cada vez mais distantes dos seus próprios direitos sociais, agravada pela ausência ou deficiência das políticas públicas voltadas à juventude das comunidades periféricas das grandes cidades (CALAIS; GOULART, 2017, p. 70).

Segregandi, que do latim significa segregar, separar, deu origem à palavra brasileira “marginalizar”. A marginalização pode ser assim considerada como um processo de exclusão social, que desintegra laços de solidariedade, separando os pobres dos ricos. Segundo Rodrigues *et al.* (1999, p. 69) “[...] a exclusão é um processo dinâmico, associado a uma trajetória que conduziu à marginalização”. Também pode ser considerada como uma negação da cidadania (SPOSATI, 1999) que se refere a uma negação à condição de ser humano e de ser cidadão da sua pátria, já que ela sutilmente dificulta os excluídos de gozar de alguns de seus direitos, dentre eles políticos, educacionais e econômicos, além de não promover equidade, fortalecendo e legitimando, cada vez mais, a lógica de desigualdade.

Tais conceitos demonstram que, a maioria das pessoas que são consideradas marginais ou marginalizadas, não escolheu viver nesta situação.

[...] tornar-se marginalizado não é um processo de escolha. As pessoas e os grupos que estão nesta condição são empurrados pelas desigualdades sociais e econômicas, por fatores culturais e até mesmo por características individuais, como a sensação de deslocamento e não pertencimento. (ARAÚJO, s/d, s.p).

Esta sensação de deslocamento e não pertencimento pode ser basicamente traduzido como “eu não posso”, “isso não é pra mim”, “isso é coisa de rico”, que por vezes promovem a autculpabilização pelos recorrentes problemas de sua vida, sentindo-se responsável por sua má condição social. Tais expressões nos levam a refletir: como os jovens de comunidades periféricas se percebem em relação aos seus próprios direitos, uma vez que existe a construção ideológica que reforça uma cultura de marginalização, fazendo com que se mantenham conformados com sua posição social?

A existência de uma cultura de marginalização social das pessoas que vivem em comunidades periféricas brasileiras evidencia uma exclusão com raízes seculares e estruturais. De um lado, senhores, proprietários de terras, detentores de conhecimento e poder. De outro, trabalhadores, pobres com pouco acesso à educação e, especialmente, a educação de qualidade. Sabe-se também que os padrões de desigualdade e de pobreza não são meras determinações econômicas; relacionam-se, através de mediações de natureza político-cultural relacionada à exclusão social (NETTO, 2007, p. 135).

O sistema educacional formal e não formal poderia contribuir para a desconstrução desse sentimento de não pertencimento desta parcela da juventude, fortalecendo suas habilidades de vida e de crenças. Apesar dos principais componentes presentes nos contextos

de vulnerabilidade terem origens estruturais, presentes na sociedade há vários séculos e que, portanto, de difícil possibilidade de mudança, acredito na possibilidade de formação desses coletivos apontando ferramentas de seu fortalecimento. Nesse sentido, as Habilidades para Vida são ferramentas que podem potencializar as pessoas para enfrentamento das vulnerabilidades. Tendo em vista que educação em habilidades para a vida, auxilia na autoestima, no senso de responsabilidade e confiança (MINTO *et al.*, 2006), é possível também que possam ajuda-los a lidar com as dificuldades cotidianas, além de criar um senso crítico que, por sua vez, pode levar os sujeitos a um questionamento sobre sua condição social, ampliando sua percepção e a compreensão, como um dos fatores de proteção contra as vulnerabilidades sociais.

2.2. HABILIDADES PARA VIDA

Os Treinamentos de HpV são intervenções que buscam potencializar habilidades necessárias para o convívio social, dentre elas: autoconhecimento, relacionamento interpessoal, empatia, lidar com os sentimentos, lidar com o estresse, comunicação eficaz, pensamento crítico, pensamento criativo, tomada de decisão e resolução de problemas. Apoiada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em programas preventivos e de promoção à saúde (WHO, 1997), as HpV surgem como um campo de estudo em 1970, na Inglaterra, recebendo também contribuição da área de Treinamento Assertivo, em andamento na mesma época nos Estados Unidos (MURTA, 2005, p. 284).

Murta (2005, p. 283), evidencia que a partir dessas classes de habilidades, surgem outras subclasses como:

[...] comportamentos de iniciar, manter e finalizar conversas; pedir ajuda; fazer e responder a perguntas; fazer e recusar pedidos; defender-se; expressar sentimentos, agrado e desagrado; pedir mudança no comportamento do outro; lidar com críticas e elogios; admitir erro e pedir desculpas e escutar empaticamente, dentre outros.

Estas habilidades têm sido uma importante ferramenta na construção de identidade das pessoas e os seus treinamentos podem potencializar bons hábitos comportamentais existentes em cada pessoa que tem contato com a temática. Além disso, são identificadas como um fator de proteção no curso de desenvolvimento humano (MURTA, 2005), fator que auxilia as pessoas serem socialmente habilidosas para enfrentar determinadas questões que surgirão ao longo de suas vidas, diretamente relacionadas ao seu próprio cotidiano. Minto (2005, p. 23-24) aponta que:

Habilidades de Vida compreendem capacidades pessoais que podem ser aprimoradas e que ajudam na aquisição de condutas favoráveis à saúde, podendo tornar as pessoas mais saudáveis e capazes de enfrentar melhor as diferentes situações do cotidiano. O

conjunto dessas habilidades forma um núcleo fundamental que contribui no processo de maturidade saudável do jovem.

A possibilidade de contribuição na maturidade saudável do jovem é o que aproxima as Habilidades para Vida a este trabalho. Essa relação, por sua vez, tem grandes possibilidades de se tornar um fator protetivo para dar suporte aos jovens de periferia a lidar com as vulnerabilidades sociais presentes em seu cotidiano, potencializando habilidades e condutas favoráveis.

Bolsoni-Silva e Marturano (2002) entendem que as HpV auxiliam impasses sociais, promovendo resolução de problemas, habilidades de comunicação, além de expressão de sentimentos negativos e defesa dos próprios direitos, o que evidencia a importância do desenvolvimento de HpV nas pessoas. As HpV podem se tornar uma grande ferramenta para o enfrentamento de vulnerabilidades, inclusive tendo aproximações com a arte de rua.

2.3.POETRY SLAM

A arte de rua, está presente na vida de muitos jovens e por muitas vezes é utilizada para expressão de sentimentos, revolta e/ou para fazerem críticas sociais, e vem sendo um fator de grande importância na autonomia deles. A arte de rua, ou movimento *Hip Hop*, surgiu nos Estados Unidos, no final da década de 1960, unindo práticas culturais dos jovens negros e latino-americanos nos guetos e ruas dos grandes centros urbanos. O movimento é constituído por três linguagens que unidos formam os quatro elementos centrais: a linguagem artística da música (*Rhythm and Poetry - RAP*, pelos *rappers* e *DJ's*), a linguagem da dança (o *break*) e a linguagem da arte plástica (o *graffiti*).

No Brasil do final dos anos 1980, o movimento *Hip Hop*, especialmente o *Rap*, tornou-se para os jovens das periferias urbanas um meio fecundo para mobilização e conscientização. Desse modo, muitos grupos de *rappers* foram criados, ocupando um espaço de articulação e atuação no campo social, para reivindicar o direito de ser cidadão, participar do mercado de trabalho e para lutar contra a violência e a discriminação (MAGRO *et al.*, 2002). Tais manifestações artísticas deram origem a outros grupos e modalidades artísticas com o mesmo objetivo, como o *Poetry Slam*.

O *Poetry Slam*, ou simplesmente *slam*, pode ser definido de diversas maneiras: uma competição de poesia falada (diferenciando-se do *rap*, que é uma expressão cantada da poesia) um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas

(D'ALVA, 2011). Também pode ser definido como uma “[...] celebração comunitária, ou também um espaço privilegiado de experimentação artística para a poesia falada (*spoken word*), gênero de poesia também nascido nos Estados Unidos na década de 1980, ligado ao movimento hip-hop” (STELLA, 2015, p. 3).

O *Poetry Slam* não é somente um espaço de entretenimento, também é um espaço de debate social, de resistência e de expressão, podendo ser visto como perspectiva profissional, para alguns de seus participantes. Os debates poéticos trazem reflexões e críticas sociais que chamam a atenção para a possibilidade de ser um fator protetivo às vulnerabilidades, pois possibilita os jovens discutirem, de forma artística, sobre seus próprios direitos sociais, corroborando com o que apontam Calais e Goulart (2017, p. 65) ao afirmar que quando “[...] favorecemos o jovem a reconhecer os seus direitos, despertamos nele a sua posição como cidadão, o que pode levá-lo a atuar como protagonista e agente de transformações positivas da sua realidade social [...]”.

A autonomia gerada por esse movimento favorece o desenvolvimento de HpV, além de possibilitar questionamentos sobre temas, como marginalização, exclusão, discriminação, vulnerabilidade, entre outros, e auxiliar nas próprias perspectivas desses jovens.

3. METODOLOGIA DE PESQUISA: TÉCNICA E INSTRUMENTOS

Este estudo teve caráter qualitativo e exploratório, utilizando-se de técnicas de roda de conversa e entrevista semiestruturada. As rodas de conversa são discussões dentro de uma temática direcionada na qual os participantes podem apresentar seus questionamentos, sendo que a fala de uma pessoa instiga outra, levando a um rico diálogo, no qual é possível se posicionar e ouvir a posição do outro. O objetivo das rodas de conversa é gerar um ambiente onde os participantes se sintam inseridos e queiram contar suas experiências com a temática proposta. Objetiva também a constituição de um espaço onde seus participantes reflitam acerca do cotidiano, ou seja, de sua relação com o mundo, com o trabalho, com o projeto de vida (FIGUEIRÊDO; QUEIROZ, 2012). O campo de pesquisa está relacionado com a educação formal e não formal.

O levantamento de dados foi separado em dois momentos. O primeiro, utilizando-se das técnicas de roda de conversas com jovens de duas comunidades periféricas de Vitória/ES. O segundo, utilizando as técnicas de entrevista semiestruturada com uma jovem da cidade de Vila Velha/ES. As categorias foram divididas em:

1. Apresentação: indagamos temas como idade, escolaridade, religião, com quem mora, a importância dos estudos, trabalho e universidade;
2. A contribuição da poesia: discussões sobre por que fazer poesia, mudar o mundo e como se tornaram poetas;
3. Vulnerabilidades sociais: no qual tratamos assuntos que diz respeito a preconceito, trajetória de vida e direito.
4. Resiliência e família.

Em cada categoria, abordei assuntos que vão desde por que fazer poesia até a visão sobre direitos, preconceitos e posicionamento social. Os resultados das duas rodas de conversas são apresentados de forma única, tendo em vista a universalidade do assunto proposto. Os participantes assinaram um Termo de Consentimento, concordando com o objetivo da pesquisa.

Para avaliar os níveis de habilidades de vida dos participantes, foi aplicado o Habilidadômetro, medidor de habilidades para vida (da Fundação EDEX¹), que nos ajudou a conhecer o nível das HpV mais presentes nas vidas desses jovens. O Habilidadômetro é um questionário da *Escuela Iberoamericana de Habilidades para la Vida* (Quadro 1), que tem por

¹ Fundação EDEX é uma organização privada, sem fins lucrativos, independente, laica e profissional no campo da ação social e educacional, nascida em Bilbao, em 1973. Objetivando o desenvolvimento positivo de meninas, meninos e adolescentes na Espanha, Europa e Américas.

objetivo estabelecer autoavaliação mediante uma nota de 1 a 5 para cada uma das dez HpV, citadas no capítulo 2 deste texto, sendo que quanto maior for a nota dada a si mesmo pelo participante, mais hábil ele se sente em relação àquela habilidade, e quanto menor a nota autoatribuída, menor a habilidade percebida. Ao final, as notas de todos os participantes foram somadas respectivamente a cada habilidade, visando conhecer as habilidades mais fortes na vida desses jovens.

Quadro 1 – Habilidadômetro

| Habilidadômetro | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|
| O quão forte ou fraco me sinto diante de cada Habilidade | | | | | |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| Autoconhecimento | | | | | |
| Empatia | | | | | |
| Comunicação Assertiva | | | | | |
| Relações Interpessoais | | | | | |
| Tomar decisões | | | | | |
| Administrando os problemas e conflitos | | | | | |
| Pensamento criativo | | | | | |
| Pensamento crítico | | | | | |
| Gestão das Emoções e dos sentimentos | | | | | |
| Administração da tensão e do estresse | | | | | |

Fonte: Castellanos e Pinzón (2007)

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO DE DADOS

Participaram da primeira roda de conversa 4 (quatro) jovens com idades entre 18 e 21 anos, do sexo masculino, jovens negros e vinculados a um coletivo de poesia com raízes no *slam* e residentes dos bairros da Penha e Consolação, no município de Vitória. Na segunda coleta de informações, participou uma jovem, poetisa, negra, residente do bairro Interlagos, em Vila Velha, segundo ela “na parte dos pobres”. Os nomes aqui apresentados são fictícios, a fim de proteger a identidade dos participantes.

4.1. APRESENTAÇÃO

Igor (18) e Thomas (18) são irmãos e ainda cursavam o ensino médio, preparando-se para o vestibular, através de um cursinho. Fernando (21) e Matheus (20) já haviam concluído o ensino médio e disseram estar se preparando para o vestibular, porém, de forma independente. Eliza (21) está cursando Educação Física na Universidade Federal do Espírito Santo. Três deles moram somente com a Mãe exceto Fernando e Eliza que tem a presença do pai e da mãe em casa. Quando indagados sobre religião, percebemos uma diversidade religiosa a saber, Igor, Thomas e Eliza se declararam cristãos. Matheus disse não ter nenhuma religião e Fernando afirma ser uma junção de todas elas, seguindo o que ao seu ver é bom em cada uma e acreditando que deve-se fazer o bem.

4.2. SOBRE FORMAÇÃO E ENSINO SUPERIOR

Ao serem perguntados sobre escola e estudos e se gostariam de fazer faculdade, chamou atenção a seguinte fala de Fernando:

Na verdade, eu não tenho um plano específico, uma faculdade específica, só quero entrar na faculdade, por causa da minha mãe.

Matheus reafirma o discurso de Fernando quando diz:

Eu pensei de fazer pedagogia a cinema, mas é essa também, só quero entrar por família.

A partir dessas falas, me deparo com a necessidade de perguntar se, numa perspectiva pessoal, eles achavam que ter uma faculdade era importante para a vida deles ou não. Matheus destacou que seu desejo sempre foi ser poeta e que ser poeta não demanda cursar uma universidade, mas os familiares e conhecidos sempre questionam a incerteza financeira que os artistas têm. Embora reconheça a importância do ensino universitário, deixa transparecer a possibilidade de perder sua autenticidade e liberdade e argumenta que:

[...] a faculdade é importante, mas a gente também deve deixar as pessoas serem pessoas, ser o que elas quiserem ser, e sem esse lance de impor o que as pessoas devem ser.

Fernando afirma que depende do momento e do plano que ele tem para seu futuro. Evidenciou que o seu desejo é fazer com que a poesia se torne sua profissão, considerando ter a faculdade como importante a longo prazo, dizendo:

Meu plano é tentar fazer a poesia virar meu ganha-pão, eu não enxergo como uma faculdade pode me ajudar agora. [...] Se eu pensar em curto prazo, eu não acho importante, se eu pensar a longo prazo eu acho muito importante fazer uma faculdade.

Com esta fala percebe-se que Fernando não enxerga o ensino superior como forma de enriquecimento de seus conhecimentos e aperfeiçoamento de seus poemas; a faculdade está somente atrelada a busca de uma profissão que, para ele, não se relaciona com a poesia.

Eliza por sua vez expõe que fazer uma faculdade é um sonho pouco alcançado entre os membros de sua família e que sua geração, sendo ela, seus irmãos e primos, tiveram mais possibilidades de chegar ao ensino superior. Ainda afirma que sua mãe foi a primeira entre os irmãos dela a terminar o ensino fundamental e, posteriormente, já tendo família, formou-se em gastronomia. Apesar do contexto favorável que é ter uma mãe formada, tendo em o apoio e incentivo que tem. Eliza disse:

Também vejo como um desafio porque é muito difícil estar na faculdade e ser de baixa renda, porque muitas vezes teremos que trabalhar para poder se manter, não tem essa opção de só estudar.

Ressalta nesta fala apesar de chegar ao ensino superior, manter-se e finalizar o curso é um grande desafio.

Matheus e Fernando não veem a poesia somente como forma de expressão, mas também como profissão, atividade que poderá lhes garantir o sustento. Não se consideram desempregados; conforme afirmam, são poetas. Ambos mostram-se estar cientes da importância do estudo e da universidade, enxergando-a como um processo para alcançar uma profissão, porém escolheram a poesia como forma artística de expressão e de profissão (mesmo que o dinheiro demore a chegar), evidenciada assim a fala de Fernando:

Quando eu escolhi ser poeta [...]. Matheus ainda destaca ter demorado a saber o que era uma universidade, e que talvez tenha começado a entender seu significado durante o ensino médio, quando foi transferido da escola da comunidade onde morava para outra de fora, segundo ele, “para uma escola boa”, na qual os professores faziam maiores cobranças e incentivavam o acesso à universidade. Destacou que inicialmente não sabia o que seria a

universidade, quais cursos poderiam ter, como fazer uma redação, dentre outras questões relacionadas ao mundo acadêmico. No seu entendimento, o futuro de jovens como ele já estava traçado: terminar o ensino médio e procurar trabalho.

Além de denunciar que jovens da periferia, geralmente não conhecem e não se veem no direito de acessar a universidade, Matheus ainda afirma não ter tido, até pouco tempo, a informação que a UFES é uma instituição pública e que, portanto, ele poderia se tornar um estudante universitário sem a necessidade de pagar mensalidades, como ocorre nas faculdades particulares. Vislumbrar o ensino superior, frequentar outros espaços de formação e, especialmente formação acadêmica, parece algo distante da percepção desses jovens acerca do futuro. Embora sejam sensíveis e talentosos, o desconhecimento acerca dos próprios direitos e das possibilidades de alçar voos para além do seu limite geográfico e social parece não estar no radar deles. Do mesmo modo, as informações acerca de tais possibilidades de preparação para ascensão a uma universidade pública e gratuita foi pouco explorada e estimulada durante os anos de formação básica. Esta percepção merece atenção e estudos futuros.

Pagar por educação representa uma realidade distante dos jovens da periferia. Essa compreensão é também afirmada por Igor. Essas asserções confirmam o que anteriormente foi apontado neste estudo. A marginalização social tem causado grandes prejuízos na vida de muitos jovens em situação de vulnerabilidade, a ponto de não saberem ou demorarem a entender o que é uma universidade pública. Por ignorarem o fato de que ela é um espaço público, o que dificulta muito seu acesso, essa falta de informação pode prejudicar a visão desses jovens em relação à universidade e às demais instituições educacionais públicas, levando-os a acreditar que aquele espaço não é de seu direito. Desconhecer esses direitos contribui para impedi-los de avançar em muitas áreas de suas vidas, tendo em vista que o processo de reconhecimento de direitos pode ser algo demorado e deve ser construído desde antes de sua chegada ao ensino médio.

Essas declarações também me conduzem a uma reflexão sobre a universidade e a democratização de acesso ao ensino público. No estado do Espírito Santo, existem propagandas na televisão aberta para vestibulares, programas do governo como Programa Universidade para Todos (ProUni), Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), entre outros, além de divulgação de cursos em faculdades particulares. Porém, não se encontra em nenhum desses comerciais informações sobre a UFES, o que pode levar as pessoas em situação de vulnerabilidade a acreditarem que a universidade não é um espaço público ao qual tenham direitos, dificultando seu ingresso.

Conforme expõem Prestes, Jezine e Scocuglia (2012, p. 208), “[...] o privilégio de entrada nas universidades tradicionais, nos cursos mais concorridos, continua sendo resguardado para as pequenas parcelas privilegiadas da população”. Desse modo, a falta de divulgação neste caso da universidade federal, pode contribuir diretamente para que um pequeno grupo de pessoas privilegiadas tenham acesso ao ensino, muito embora sabemos que este não é o único fator. No entanto, acreditamos que a não divulgação dessa instituição educacional como pública e gratuita é algo preocupante e extremamente contraditório, tendo em vista que a UFES é um espaço democrático.

4.3. SOBRE O PROCESSO DE SE TORNAR POETA/POETISA

“Eu me descobri [...]” Assim Igor inicia falando sobre o processo de se tornar poeta. Isso aconteceu quando percebeu que ser poeta não é apenas escrever e, quando se vive a poesia, sente-se bastante vontade de ajudar as pessoas, de modo preciso os jovens e crianças de seu bairro, tentando por meio da poesia afastá-los do “caminho predestinado a eles, por exemplo, o tráfico de drogas” como afirmou.

Matheus diz que para ser poeta é preciso “enxergar o mundo de uma forma que ninguém enxerga”, olhando para os cenários sociais, criando reflexões e críticas e escrevendo sobre elas.

Fernando afirma ser escritor, pois não escreve somente poesia, e revela que esse processo de se entender como escritor ocorreu na final do *Slam ES* (campeonato estadual de poesia falada do Espírito Santo), ao recitar sua poesia que, a cada verso, causava-lhe arrepios a reação ovacionada da plateia. Fernando ainda assegura:

Eu escrevo vidas e, a partir do momento que eu vejo as pessoas reagindo ao que eu escrevo, eu vejo que as coisas que eu passo, que eu penso, que eu vejo, não é só eu [...]. Quando eu percebi e entendi que eu escrevo vidas, foi quando eu me tornei escritor, poeta e outros sinônimos.

Eliza afirma que sempre gostou de escrever e que a escrita sempre esteve presente na vida dela, porém a identificação como poetisa veio ao final do ensino médio, quando escreveu uma poesia na qual denominou de “Vazio da alma”, poema que criou depois de ter sentido muita tristeza por algo que uma amiga próxima fez, algo que prejudicaria muito a vida da mesma. Eliza assegura ainda que esta é sua poesia favorita e foi a primeira que teve coragem de mostrar para alguém, recebendo assim alguns elogios e críticas. Termina dizendo:

Dali pra frente foi quando eu comecei a me reconhecer como escritora.

Percebe-se que existe uma relação entre os discursos de Igor e Fernando, pois eles se entendem como poetas algum tempo depois de começarem a escrever poesia. Algo provoca

uma mudança de perspectiva, o que faz com que percebam o real sentido do que realizam, resignificando-o e fazendo-os compreender que não são poetas apenas no sentido de saber escrever poesia, mas também porque o escolheram ser.

4.4.O QUE OS LEVOU PARA POESIA E NÃO PARA O TRÁFICO

Quando perguntados sobre estar na poesia e não no tráfico, Fernando afirmou:

Estar na poesia não significa estar fora da criminalidade [...]. Conheço pessoas que fazem poesia e, ao mesmo tempo, vendem drogas.

Direta ou indiretamente, três deles alegaram já ter se envolvido com o tráfico de drogas e não permaneceram por motivos como querer mudar o mundo e ser exemplo, segundo ponderou Igor:

[...] eu vou continuar fumando um beck? Eu vou mudar o mundo “tano” na merda? Fazendo errado no mundo?

Outro motivo que destaco a partir da fala do Fernando é que compreendem que estar no tráfico não ajudaria seus amigos que já estão, bem como não desejar vê-los morrerem.

Na minha cabeça, eu poderia fazer alguma coisa para influenciar outro caminho para eles. E por que eu não entrei nisso? É porque tem amigos que “tá”, não porque morre ou porque é ilegal não. Para mim aquilo não vai ajudar ele e eu não quero ver mais amigo morrer, então eu estar ali no meio não vai adiantar muita coisa.

Uma última razão, apontada por Thomas, pelo qual foram conduzidos ao caminho da poesia e não ao tráfico de drogas, reside simplesmente no entendimento de que não era o que realmente queriam na vida deles.

Mas eu entendi que não era na verdade o que eu queria para mim, não que não seja minha realidade, mas não era o que eu queria para mim.

A rotina do tráfico faz parte da vida deles desde criança. Thomas afirma ver gente armada, vendendo drogas e, até mesmo, policiais procurando drogas no quintal de sua casa e diz ser difícil ter um olhar diferente sobre as coisas que vê:

Para a gente tentar ter outra noção, tentar ter outro olhar sobre isso e tentar mudar isso é lutar muito contra a gente mesmo. Porque a gente é favelado, a gente não tem tanta perspectiva de vida. [...] queria ter dinheiro, aí pô, o meio mais rápido de a gente conseguir é o tráfico.

A fala de Fernando mostra que a poesia, muitas vezes, não é um fator protetivo quando relacionada ao tráfico de drogas. Percebe-se que uma pessoa não necessariamente se inspiraria na poesia para evitar essa determinada situação; no entanto, acreditamos que a poesia pode ganhar mais força, quando relacionada com fatores como família. Outro ponto a ser citado aqui é sobre a fala de Thomas, quando diz que o tráfico faz parte da realidade deles, convidando-nos

a refletir se eles enxergam determinadas situações como “normais”, simplesmente por vê-las se repetir com tanta frequência.

Em seu discurso, Matheus aponta:

Mesmo que a gente não esteja, todo mundo tem amigos que já traficou ou trafica, que cresceu com você, que você sabe que o cara é muito bom, você sabe que o cara “tá” traficando porque passava fome dentro de casa, ou sei lá, não tinha roupa.

Ainda afirma ter um amigo que morava com a avó pelo fato de o pai ter sido assassinado por envolvimento com o tráfico de drogas e a mãe morar longe. Também diz que esse menino sofria dificuldades financeiras e, depois de procurar estágio por ser menor de idade e não conseguir, entrou para o tráfico. Matheus assegura:

É muito difícil a gente deixar de ser amigo dessa pessoa depois que ela entra no tráfico, sabe?

Esta percepção da realidade vivida por esses jovens, aponta a realidade de muitos jovens que se envolvem com o tráfico e outros negócios ilícitos como forma de sobrevivência. A falta de oportunidades para uma formação de qualidade tem, por consequência, maior dificuldade de acesso a emprego. Não se trata aqui de justificar ou aprovar o envolvimento com situações de ilicitude, mas sim, convidar à reflexão acerca das oportunidades de vida das diferentes juventudes brasileiras e, aqui, em especial, os jovens da periferia.

Matheus ainda diz que há alguns anos, os traficantes de seu bairro faziam festas para as crianças em datas comemorativas, dando algodão doce e pipoca, além de alugar pula-pula para elas. Ainda afirma ter tido uma experiência ruim com a polícia quando criança. Para ele, essa situação é um paradoxo já que isso pode confundir a mente de uma criança. Sobre isso ele alega:

Hoje eu fico querendo imaginar, comparar, como é que eu vou entender quem é o herói, quem é o bandido, quando a polícia entra lá em casa e faz bagunça, e quando traficantes do meu bairro dão algodão doce de graça?

Thomas complementa dizendo:

A gente nunca sabe quem é o herói, a ideia fica deturpada para a gente. Só que é questão de a gente ter a experiência e reverter a nossa realidade, tentar ter um outro olhar daquilo que é real.

As falas de Thomas e Matheus evidenciam a dualidade da favela e falta de referência de autoridade. Nesse sentido, Mesquita Neto (1999, p. 131) afirma que os “[...] casos de violência policial, ainda que isolados, alimentam um sentimento de descontrole e insegurança [...]”, o que pode fazer com que as crianças tenham medo da polícia e não consigam identificá-la como um agente para a sua segurança.

4.5. SOBRE VULNERABILIDADE SOCIAL

Anteriormente citei que a vulnerabilidade social pode ser traduzida como possíveis prejuízos causados para pessoas submetidas a ela. Decidi perguntar aos participantes da roda de conversa se, em algum momento de suas vidas, sentiram-se socialmente prejudicados. Matheus, Igor e Thomas disseram que muitas vezes deixaram de ir à escola por causa de trocas de tiro na comunidade ou não conseguiram chegar em casa pelo mesmo motivo. Matheus lembrou que os professores deixavam a escola até a metade do ano letivo, ou mesmo no início das aulas por medo dos tiroteios.

Acho que a gente já passou por tanta coisa que prejudica a gente e a gente nem percebe, por achar que é tão normal.

Nesse instante, confirma-se a naturalização da violência social em que vive uma parcela da juventude. Essa violência se dá de forma tão estrutural que se tornou difícil visualizar possibilidades de mudança. Uma sociedade que banalizou a violência contra a sua juventude está claramente enferma.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2012), sobre alunos do ensino fundamental, revelaram que 18% dos alunos brasileiros estudam em áreas de vulnerabilidade social. As escolas catalogadas apresentam alguns dos piores resultados das redes municipais, como por exemplo, o maior número de evasão escolar. Muitos alunos deixaram de ir à aula por temerem episódios violentos no percurso ou mesmo dentro da escola (SOUZA; SOARES; FREITAS, 2019). Nesse sentido, a exclusão se faz potencializada, somando-se a todos os demais elementos dificultadores de acesso à educação.

Eliza que sempre estudou em escola pública, por sua vez, afirmou que se sentiu prejudicada quando tentou ingressar no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), dizendo que havia questões no processo seletivo das quais ela nunca tinha ouvido falar, assuntos relacionados ao ensino fundamental, que ela só chegou a estudar no ensino médio, dificultando assim a possibilidade de ingresso:

[...] quando eu saí da prova do Ifes, tinha uma questão que eu nunca tinha visto na minha vida que é de interseções... Interseções eu vi no ensino médio e aquilo estava numa prova de fundamental onde as pessoas de uma escola privada vão aprender no 7º, 8º ano.

Ainda ressalta que:

Você não aprende o suficiente pra entrar numa faculdade de ensino médio se você é pobre.

Percebe-se nas falas dos entrevistados que a educação é um dos fatores de maior prejuízo para pessoas em situação de vulnerabilidade, evidenciado em alguns casos na violência e falta de segurança dos bairros e, em outros, na falta de qualidade de ensino de algumas escolas públicas que, por sua vez, pode ser considerado anticonstitucional, tendo em vista que alguns

tópicos do Capítulo III, Sessão I, Artigos 205 ao 214 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CRFB/88), leis que enquanto direitos de Educação não estão sendo cumpridos.

Eliza afirmou que já se sentiu muito prejudicada ao sofrer racismo enquanto trabalhava numa loja e, ao mesmo tempo, estudava na UFES. Foi além ao dizer que no mesmo período, um de seus professores falou que ela teria de optar pela faculdade ou pelo trabalho e que não haveria como se formar fazendo os dois:

[...] Outra coisa que me deixa ‘emputecida’ é o professor da UFES que no início do ano fala que a universidade precisa ser pra todos, a universidade ‘tá’ cheia de pretos e isso é importante, mas no final do ano me fala ‘você não pode estudar e trabalhar. Ou você estuda só, ou você não vai terminar o seu curso’. Como é que ele fala isso pra uma pessoa em vulnerabilidade? Ele pode simplesmente estragar o futuro de uma pessoa”.

Essa fala demonstra que apesar de ter conseguido chegar a universidade federal, as pessoas em vulnerabilidade encontram dificuldades para se manter e, além disso, há falta de compreensão de alguns professores em relação às vulnerabilidades sociais e necessidades de alunos nesta situação.

Eliza de forma bastante corajosa ainda afirma que na infância foi abusada e diz que esse foi um dos fatores que fortaleceu seu laço com a escrita, por não conseguir muito se expressar e ter contato com outras pessoas.

4.6. DIREITOS:

Quando falamos sobre direitos, a seguinte fala de Matheus nos chamou atenção:

Eu acho que direito é uma coisa que a gente não tem né, ou nem sabe que tem direito.

Igor diz que sentiu essa violação em casos como saúde e segurança e ainda ressalta:

[...] quem tem direito é quem tem dinheiro”.

Eliza ressalta:

[...] por muito tempo eu não sabia quais eram os meus direitos. Então, é muito difícil saber que seus direitos estão sendo violados quando você não sabe que tem direitos”.

Eliza ainda afirmou que seus direitos, como educação de qualidade que foram violados no passado, a prejudicam nos dias atuais:

Eu tinha um direito lá atrás que foi violado e que hoje me prejudica.

Thomas conta uma história de um acidente numa via de seu bairro que não tinha sinalização adequada e acredita que a sinalização deveria ter sido feita já que aconteciam constantes acidentes no local.

Ao declarar “[...] acho que direito é uma coisa que a gente não tem né, ou nem sabe que tem direito”, Matheus e Eliza reforçam que a falta de acesso à informação tende a levar as pessoas em situação de vulnerabilidade a não conhecerem seus direitos e até acreditarem que não o tem, o que conseqüentemente pode mantê-los paralisados, aprisionados a uma realidade injusta, muitas vezes não os impulsionando a lutar para conquistá-los por acreditarem que também não tem direito a ter direito, culminando no conformismo paralisante.

4.7. SOBRE RESILIÊNCIA

Ao longo da conversa, percebi o quanto os jovens citavam a família como fator de resiliência, primordialmente suas mães, e apesar de muitas discordâncias, todos eles afirmam ouvir muito os conselhos maternos, sem perder a autonomia sobre suas vidas.

Fernando alega não ouvir sua mãe quando o assunto está relacionado somente com sua vida e seu futuro.

Minha mãe quer que eu pare de fazer poesia e para ela eu só vou ser alguém se eu cortar o cabelo, entrar para igreja, virar porteiro ou algo do tipo e fazer faculdade.

Afirmou ainda que não deixará de fazer algo se isso não for causar problemas a seus pais ou qualquer outra pessoa, sendo ele o único responsável por suas conseqüências. Mesmo com seu posicionamento, Fernando demonstra compreender a preocupação das mães no que diz respeito a vida dos seus filhos:

Eu não culpo as mães pensarem assim, porque a mãe sempre vai querer o melhor para o filho. Para ela o melhor é ter uma garantia de uma estabilidade financeira, e na cabeça dela, ter faculdade é isso [...], ela compra a ideia do senso comum que, para você ser alguém, precisa ter faculdade. A gente entende o que é melhor para nós, mas também entende o que a mãe pensa.

Matheus complementa apontando que é “[...] difícil escutar a mãe quando ela quer interferir um pouco na nossa vida, coisa mais pessoal, coisa que a gente gosta”, corroborando assim com a fala de Fernando e o entendimento do desejado protagonismo sobre sua própria vida.

Quando perguntados a que eles atribuem a resiliência na vida deles, unanimemente citam a mãe. Ainda que conheçam e/ou convivam com o pai, a referência continua sendo somente a mãe e não o pai para todos eles. Mostrando a importância da mãe na sua vida, afirma Igor:

O pessoal fala: “quando eu crescer eu quero ser homem igual meu pai”, mas eu não, quando eu crescer, eu quero ser mulher igual minha mãe.

Matheus reafirma dizendo:

Eu só tento copiar o que ela é, porque se eu conseguir ser 10%, tá ótimo já.

Thomas conta que mostra suas composições para a mãe e, que se não fosse ela, não escreveria. Fernando atribui a sua resiliência à mãe e aos amigos, dizendo que são a sua raiz. O importante protagonismo da figura materna na vida dos jovens da periferia e, em muitos casos, em famílias monoparentais, revela a importância da mãe e do exemplo a inspirar condutas e pensamentos.

Eliza conta que sua mãe lhe deu um apoio sem medidas e, por isso atribuiu-lhe a resiliência, além de dizer que sua fé também ajudou muito neste processo. Eliza ainda faz uma observação sobre a diferença entre o homem e a mulher na sociedade, demonstrando que ser mulher infelizmente dificulta a busca e compreensão de direitos, e como seu pai, simplesmente por ser homem, tinha uma maior facilidade em algumas questões como conseguir um emprego.

O homem, de um modo geral, ele tem maior possibilidade de desistir porque ele não teve que lutar tanto pra poder conquistar o que uma mulher conquistou.

4.8. HABILIDÔMETRO

O questionário Habilidômetro da Fundação EDEX foi respondido individualmente por cada participante. Foram dadas notas de 1 a 5 para cada uma das HpV, em que 1 significa sentir-se menos hábil e 5, mais hábil. No questionário obtivemos as seguintes respostas:

Quadro 2: Resultados do Habilidômetro

| HABILIDADES | Fernando | Matheus | Thomas | Igor | Eliza | TOTAL |
|---------------------------------------|----------|---------|--------|------|-------|--------------|
| Autoconhecimento | 4 | 4 | 3 | 3 | 3 | 17 |
| Empatia | 3 | 4 | 4 | 4 | 4 | 19 |
| Comunicação assertiva | 1 | 3 | 3 | 3 | 2 | 12 |
| Relações interpessoais | 5 | 5 | 4 | 3 | 2 | 19 |
| Tomar decisões | 4 | 3 | 5 | 4 | 3 | 19 |
| Administrando problemas e conflitos | 5 | 2 | 4 | 3 | 3 | 17 |
| pensamento criativo | 5 | 4 | 5 | 5 | 4 | 23 |
| pensamento crítico | 4 | 3 | 5 | 5 | 4 | 21 |
| Gestão de emoções e dos sentimentos | 1 | 3 | 3 | 3 | 3 | 13 |
| Administração da tensão e do estresse | 2 | 2 | 3 | 2 | 2 | 11 |

Cada uma das Habilidades para Vida pode ser entendida como:

- **Autoconhecimento:** pauta-se no conhecimento de um indivíduo sobre si mesmo. A prática de conhecer-se melhor;
- **Empatia:** é um componente afetivo que se baseia na partilha e na compreensão de estados emocionais de outros. Refere-se à capacidade de deliberar-se sobre os estados mentais de outras pessoas;
- **Comunicação assertiva:** pode ser definida como expressar diretamente as opiniões e informações sem ser agressivo ou evasivo;
- **Tomada de decisão:** é um processo cognitivo que resulta na seleção de uma opção entre várias alternativas. É amplamente utilizada para incluir preferência, inferência, classificação e julgamento, quer consciente ou inconscientemente;
- **Administrando problemas e conflitos:** é um conjunto de ações para alcançar a harmonia solucionando divergências decorrentes na vida entre pessoas com diferentes opiniões e personalidades;
- **Pensamento criativo:** é a capacidade de criar novas ideias com determinado valor;
- **Pensamento crítico:** é um julgamento propositado e reflexivo sobre o que acreditar ou o que fazer em resposta a uma observação, experiência, expressão verbal ou escrita, ou argumentos;
- **Gestão sentimentos e emoções** é a habilidade das pessoas que são donas de suas emoções e não escravas, ou seja, não vivem condicionadas por seus impulsos de cada momento, mas que através do seu próprio conhecimento podem se compreender melhor;
- **Administração da tensão e do estresse:** pauta-se na capacidade de manter o controle em situações adversas. Cada uma dessas habilidades quando bem trabalhadas são grandes ferramentas na vida das pessoas.

~~Somei~~ as notas que os participantes deram para si mesmo foram somadas em cada uma das habilidades, a fim de encontrar as maiores e menores pontuações, mapeando as habilidades nas quais a maioria se sente mais fortalecida e as que se sente menos e respeitando, acima de tudo, o aspecto individual de cada um dos participantes.

As notas abaixo de 12 são as que, no aspecto geral, eles se sentem menos hábeis e acima de 12 são as que encontram mais facilidade. Encontrei os seguintes resultados:

- Autoconhecimento: 17

- Empatia: 19
- Comunicação assertiva: 12
- Relações interpessoais: 19
- Tomar decisões: 19
- Administrando problemas e conflitos: 17
- Pensamento criativo: 23
- Pensamento crítico: 21
- Gestão de emoções e dos sentimentos: 13
- Administração da tensão e do estresse: 11

Algumas habilidades obtiveram pontuações entre 15 e 19, tais como, empatia, relações interpessoais, tomar decisões, pensamento criativo e pensamento crítico, que chamam atenção quando relacionadas ao enfrentamento das vulnerabilidades sociais. As duas habilidades mais pontuadas foram: pensamento criativo e pensamento crítico, na qual evidencia a capacidade desses jovens de terem uma percepção crítica da realidade em que estão inseridos e capacidade de expressar suas ideias através de elementos como a poesia. A reflexão a ser feita aqui é: será que outros jovens do mesmo bairro, mas não inseridos no contexto da poesia, têm a mesma percepção crítica e criativa?

Os participantes se deram pontuações baixas em relação a comunicação assertiva, demonstrando dificuldade em passar mensagem com clareza e se comunicar, porém conseguem fazer muito bem este movimento com a escrita e a poesia. Esta dificuldade na comunicação assertiva podem gerar dificuldades em algumas situações, como conversar com autoridades políticas para solicitarem algo para o bairro, ou mesmo para ensinar algo para alguma pessoa, pois neste caso não poderão apresentar simplesmente a poesia crítica. No aspecto geral, os participantes desta pesquisa são jovens socialmente hábeis, já que a maioria de suas pontuações estão acima da média.

5. CONCLUSÃO

A partir da análise e discussão dos dados percebe-se que a arte, neste caso a poesia sozinha, não pode ser considerada um fator protetivo contra as vulnerabilidades sociais na vida destes jovens, já que um de nossos participantes afirmou que estar na poesia, não necessariamente significa estar longe de atividades ilegais como o tráfico de drogas. Apesar de sozinha não ser um fator protetivo, acredita-se que a poesia tem sido, na vida desses jovens, um canal para fortalecimento de algumas HpV como pensamento criativo, pensamento crítico, empatia e relações interpessoais das quais receberam maiores pontuações no habilidômetro.

Quando relacionado formação e ensino superior, percebe-se fortes opiniões por parte dos jovens, das quais evidenciam sua autonomia em relação a suas perspectivas futuras, porém ainda vale questionar se a decisão de não ingressar no ensino superior também está atrelada à falta de informação que tiveram ao longo de suas vidas sobre o ensino público ou, até mesmo, por acreditarem de forma velada que eles não têm direito ao acesso.

Em relação à vulnerabilidade e direitos percebo que, muitas vezes, eles se sentiram prejudicados em algum momento de suas vidas por não entenderem os direitos que possuíam ou não saber da existência deles, como o marcante fato de que alguns dos participantes da pesquisa, até pouco tempo, não sabiam que a UFES é uma instituição pública. Consideramos isso uma questão que evidencia a desinformação desses jovens sustentada pelas instituições de ensino a que passaram ao longo de sua vida escolar.

Ao longo da entrevista Eliza demonstra um pouco do que é ser mulher em meio às vulnerabilidades e, além disso, em meio a uma sociedade machista, mostrando que existem dificuldades sofridas pelas mulheres das quais os homens não sofreram, sendo agravantes para sua formação, o que pode levar-nos a pensar sobre a resiliência materna.

Percebe-se, por fim, que a resiliência dos jovens participantes foi unanimemente atribuída à mãe, o que nos faz presumir que o maior fator de proteção contra as vulnerabilidades na vida desses jovens é a família, especificamente, a figura materna. Compreendemos que mesmo com a presença do pai, a mãe continua sendo evidenciada, como destaque novamente na fala de Igor ao ressaltar que o “[...] pessoal fala: ‘quando eu crescer eu quero ser homem igual meu pai’, mas eu não, quando eu crescer, eu quero ser mulher igual minha mãe”.

6. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marcele. **Marginalização** (Infoescola). Disponível em: <<https://www.infoescola.com/sociologia/marginalizacao>> Acesso em: 11 de julho de 2019

ABRAMOVAY, M. et al. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO, BID, 2002. 192 p. Disponível em < <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-40313/juventude-violencia-e-vulnerabilidade-social-na-america-latina--desafios-para-politicas-publicas--juventud-violencia-y-vulnerabilidad-social-en-a-latina--desafios-para-politicas-publicas>> Acesso em 23/10/2019

BOLSONI-SILVA, A. T.; MARTURANO, E. M. Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. **Estudos de psicologia**, Natal [online], 2002, vol.7, n.2, pp.227-235.

CALAIS, L. B.; GOULART, N. P. Comunidades, juventudes e vulnerabilidades: enfrentamentos possíveis. **Revista psique**, Juiz de Fora, v. 2, n. 3, p. 63-77, jan./jun. 2017. Disponível em <<file:///C:/Users/Gabi/Downloads/2017-ArtigoComunidade.pdf>> Acesso em: 05/04/2019

CARMO, M. E.; GUIZARDI, F. L. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, p. 1-14, mar.2018.

CASTELLANOS, L. M.; PINZÓN, I. D. C. **Habilidades para la Vida**: Manual para aprenderlas y enseñarlas. 2. ed. Edex, 2007, 240 p.

D'ALVA, R. E. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça - o poetry Slam entra em cena. **Synergies Brésil**, 2011, n. 9, p. 119-126. Disponível em <<https://www.gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf>> Acesso em: 30/08/2019

FIGUEIRÊDO, A. A. F.; QUEIROZ, T. N. A utilização de rodas de conversa como metodologia que possibilita o diálogo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10 – DESAFIOS ATUAIS DO FEMINISMO, 2012, Florianópolis. **Anais Eletrônicos**. Disponível em <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373241127_A_RQUIVO_AUTILIZACAODERODASDECONVERSACOMOMETODOLOGIAQUE_POSSIBILITAODIALOGO.pdf> Acesso em: 05/07/2019

MAGRO, V. M. M. Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o hip hop. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 22, n. 57, agosto/2002, p. 63-75.

MESQUITA NETO, P. Violência policial no Brasil: abordagens teóricas e práticas de controle. In: PANDOLFI, D et al. (Orgs.) **Cidadania, justiça e violência**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. p.130-148. Disponível em <<https://nev.prp.usp.br/wp-content/uploads/2015/01/down152.pdf>> Acesso em: 25/07/2020

MINTO, E. C. **Ensino de habilidades de vida para adolescentes vinculados a instituições profissionalizantes, no município de Ribeirão Preto/SP**. 2005. 123 fls. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Departamento de Psicologia e Educação, Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-18052009-160841/publico/dissertacao.pdf>> Acesso em: 10/04/2020

MURTA, S. G. Aplicações do treinamento em habilidades sociais: análise da produção nacional. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2005, v. 18, n. 2, pp.283-291.

NETTO, J. P. Desigualdade, pobreza e serviço social. **Revista em Pauta** – Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, n. 19 (2007): 135-170.

PRESTES, E. M. T. ; JEZINE, E.; SCOCUGLIA, A. C. Democratização do ensino superior brasileiro: o caso da Universidade Federal da Paraíba. **Revista Lusófona de Educação**, v. 21, n. 21, p. 199-218, 2012. Disponível em <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/3088>> Acesso em: 23/04/2020

ROCHA, C. L. A. O princípio da dignidade da pessoa humana e a exclusão social. **Jurisprudência Catarinense**, Florianópolis, v. 35, n. 117, abr./jun. 2009. Disponível em <<https://core.ac.uk/download/pdf/79135829.pdf>> Acesso em: 04/06/2020

RODRIGUES, E. V. et al. A pobreza e a exclusão social: teorias, conceitos e políticas sociais em Portugal. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, v. 9, 1999, p. 63-101. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8578/2/1468.pdf>> Acesso em: 28/06/2020

SOUZA, M. S.; SOARES, A. B.; FREITAS, C. P. P. Treinamento de Habilidades Sociais (THS) para alunos em situação de vulnerabilidade social. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 21, n. 3, 2019, p. 135-158. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v21n3/pt_v21n3a05.pdf> Acesso em: 06/08/2019

SPOSATI, A. **Exclusão social abaixo da linha do Equador**. São Paulo: Educ, 1999. p. 128-133. Disponível em <<http://www.seuvizinhoestrangeiro.ufba.br/twiki/pub/GEC/RefID/exclusao.pdf>> Acesso em: 07/03/2019

STELLA, M. G. P. A Batalha da Poesia: o slam da Guilhermina e os campeonatos de poesia falada em São Paulo. **Ponto Urbe** [online] - Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, 17, 2015. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/287967499_A_Batalha_da_Poesia_-_O_slam_da_Guilhermina_e_os_campeonatos_de_poesia_falada_em_Sao_Paulo> Acesso em:04/09/2019

VITÓRIA, Prefeitura Municipal de. **Vitória em Dados**. Vitória, 2010. Disponível em <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/Censo_2010/mapas_renda.asp> Acesso em: 05/09/2020

WHO — WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Life skills education for children and adolescents in schools**: introduction and guidelines to facilitate the development and implementation of life skills programmes. Geneva: WHO, 1997.